

## **AS DIFERENÇAS ENTRE SEMINÁRIO ACADÊMICO E SEMINÁRIO ESCOLAR PARA O ENSINO/APRENDIZAGEM DO GÊNERO NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Décio Dantas Do Nascimento<sup>1</sup>; Paulo Garbelotto Henrique Silva<sup>2</sup>; Paula Fabiane Sartori  
Gladenucci<sup>3</sup>;

<sup>1</sup>Mestrando no programa Docência para a Educação Básica pela Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Bauru/SP - dantas-decio@hotmail.com; <sup>2</sup>Mestrando no programa Docência para a Educação Básica pela Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Bauru/SP – paulogarbeloto@hotmail.com; <sup>3</sup>Mestranda no programa Docência para a Educação Básica pela Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista (UNESP) –Bauru/SP – paulagladenucci@gmail.com

### **RESUMO**

O ensino de gêneros orais formais públicos na Educação Básica é essencial para o aprendizado de capacidades de linguagens requeridas por gêneros orais formais acadêmicos para a divulgação e socialização de conhecimentos científicos. Busca-se, neste trabalho, apresentar em um modelo didático de ensino, as diferenças entre seminário escolar e seminário acadêmico, a fim de que, ocorra um ensino sistematizado dos aspectos linguísticos e extralinguísticos inerentes ao gênero. Espera-se, assim, auxiliar pesquisadores, gestores, sobretudo, professores de Educação Básica no ensino de produção de gêneros orais formais públicos. Para isto, elaborou-se um modelo didático do seminário escolar objetivando estabelecer semelhanças e diferenças em relação ao seminário acadêmico. Para elaborar o modelo didático, procedeu-se a revisão bibliográfica sobre as pesquisas recentes relacionadas a seminário, tomando como aporte os pilares teóricos, metodológicos e práticos do interacionismo sociodiscursivo (ISD), comparou-se os dados, os quais resultaram em um modelo de ensino do gênero oral seminário escolar. Conclui-se que, é essencial a ressignificação do ensino do gênero seminário escolar na Educação Básica, devido ao fato, dos dados apontarem que, embora mobilizado com frequência no interior da escola, o gênero não tem sido objeto de ensino sistematizado, mas sim, o convite para que os alunos venham à frente da sala expor o resultado de alguma pesquisa escolar solicitada por alguma disciplina do currículo vigente, com pouca preparação prévia do seminário escolar e pouco conhecimento dos elementos de elocução.

**Palavras-chave:** Seminário acadêmico. Seminário escolar. Modelo didático. Ensino.

### **INTRODUÇÃO**

O ensino do gênero seminário escolar é de singular importância para o desenvolvimento de capacidades de linguagens que são transferíveis para outros gêneros acadêmicos, os quais o universitário produzirá no ensino superior. Entretanto, para que estas produções acadêmicas orais ocorram de maneira exitosa, é essencial que o ensino sistematizado de gêneros orais formais públicos ocorra na Educação Básica, a fim de garantir que, ao ingressar no ensino superior, o estudante já tenha vivenciado e aprendido as capacidades essenciais requeridas para a produção de fala pública.

A importância dos gêneros orais públicos é legítima, devido a sua recorrência em práticas comunicativas em aulas, exposição de trabalhos em eventos acadêmicos, na divulgação de descobertas científicas e de saberes de referências inerentes aos mais diversos campos do conhecimento. Embora a fala pública seja constantemente mobilizada no interior de situações discursivas, percebe-se a ausência de trabalho sistematizado de ensino destas situações comunicativas na Educação Básica, de maneira que, o ensino de gêneros orais formais públicos acaba não ocorrendo na Educação Básica nem no Ensino Superior, haja vista que, os professores universitários esperam que os alunos já venham com capacidades de linguagem adquiridas nesta situação discursiva na Educação Básica. Em resumo, a produção textual seminário não tem sido objeto de ensino em nenhuma das pontas das práticas educativas.

## **OBJETIVO**

Busca-se, neste trabalho diferenciar os objetivos de ensino do seminário acadêmico e do seminário escolar. O estado da Arte evidenciou que eles são tratados como sinônimos nas práticas de ensino, todavia é preciso estabelecer diferenças, devido ao fato que quando ensinado na Educação Básica o seminário deve ser focado como produção textual para que o professor ensine concomitantemente os aspectos linguísticos e extralinguísticos que constituem o gênero. Por outro lado quando mobilizado no ensino superior, este é utilizado como uma técnica metodológica de socialização de um conteúdo.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho utilizou como metodologia a pesquisa bibliográfica, desenvolvida a partir da análise de livros e artigos científicos sobre o gênero seminário, possibilitando ao pesquisador cobrir uma gama maior de fenômenos, do que aquela que poderia pesquisar diretamente. (GIL, 2002), Após esta, depreenderam-se as principais concepções de seminário que estes trabalhos veiculam, sendo elas: (I) seminário como metodologia de ensino universitário, (II) seminário como técnica de ensino de um conteúdo, (III) seminário como atividade escolar, (IV) seminário como evento de letramento, (V) seminário como gênero textual oral. Em seguida se estabeleceu as principais diferenças entre seminário acadêmico e seminário escolar com base nos trabalhos de: BEZERRA (2003), GOULART (2005), FERRAZ (2005), RODRIGUES (2008), GONÇALVES (2009), DOLZ et al (2011), GOMES-SANTOS (2012), MEIRA e SILVA (2013) CARVALHO et al (2016).

## **RESULTADOS PARCIAIS**

### **Seminário, gênero textual ou estratégia de ensino?**

Na academia, os linguistas divergem sobre a concepção de seminário. Seria este uma atividade escolar ou gênero textual? Pesquisadores como GOULART (2005), GOMES-SANTOS (2012) consideram o seminário como atividade escolar; já BEZERRA (2003); GONÇALVES (2009) e SILVA (2013) consideram-no como gênero textual. A nossa concepção alinha-se à dos últimos pesquisadores, entretanto, não descartamos o seminário como estratégia de ensino quando mobilizado no Ensino Superior, sobretudo, aquelas gestadas na esfera acadêmica. A fim de esclarecer a posição, elaborar-se-á um percurso para

evidenciar os porquês de considerar o seminário gênero textual, quando, ensinado na Educação Básica em aulas de língua portuguesa, e evidenciaremos os porquês de considerar o seminário como atividade didática, estratégia de ensino, metodologia de ensino, técnica de ensino, quando mobilizado no Ensino Superior. Ao final do percurso, espera-se diferenciar o gênero textual seminário escolar e o gênero textual seminário acadêmico, objetiva-se que este passe a ser objeto de ensino adequado às finalidades da Educação Básica, ensinado com atividades sistematizadas, “A intervenção didática no trabalho sobre [seminário] deve, portanto, levar em conta as dimensões comunicativas que lhe são próprias e que visam à transmissão de um saber ao auditório [...]” (DOLZ et al 2011, p.184)

### **A representação socio-subjetiva do professor universitário e do professor de Educação Básica com relação ao seminário.**

Fundamental pensar as diferenças entre os seminários praticados na Faculdade e os seminários praticados na Educação Básica. As divergências e intersecções são especificidades chave para que o docente da Educação Básica construa um modelo didático do gênero textual seminário escolar, de maneira que este realize a transposição didática antes de ensinar como produção textual oral na Educação Básica. Para isso utilizamos o instrumento de Modelização Didática apresentado pelo grupo de Genebra (SCHNEUWLY; DOLZ, 1997).

A fim de buscar as razões que levam alguns teóricos a conceberem o seminário como técnica de ensino e outros, como gênero textual. Parece-me pertinentes a reflexão sobre as seguintes perguntas: (I) O nível de instrução do professor da Faculdade é o mesmo do da Educação Básica? (II) O nível de instrução dos alunos da Faculdade é o mesmo ao da Educação Básica?

Sobre a primeira pergunta, a maioria dos professores dos cursos universitários de licenciaturas e outras áreas é a titulação de mestres e doutores em determinada área do conhecimento. Os professores da Educação Básica possuem a titulação de graduados em determinada área do conhecimento, de tal maneira que o aluno de graduação em licenciatura é o professor de Educação Básica de amanhã. Portanto, este professor em serviço tende a reproduzir os conhecimentos aprendidos na faculdade de maneira verossimilhante na Educação Básica, principalmente, em seus primeiros anos de atuação. Vasconcellos (2010) denomina essa reprodução de conhecimentos instrutivos na prática de ensino de um objeto, em salas de aula, como *Imprinting escolar*<sup>1</sup>. Dessa maneira, o professor (graduado), que ministrou alguns seminários acadêmicos na faculdade traz de lá *Imprintings* instrutivos de qual é a maneira de produzir um seminário. Sem fazer transposição didática para a realidade escolar, introjeta-os de maneira reprodutivista, em consequência, o seminário torna-se Estratégia de Ensino, Método de Ensino, Parte do programa de uma disciplina, Técnica, recurso usado por alguns professores que desejam ‘terceirizar a aula’ (em alguns contextos), ao invés de ser ensinado como produção textual em aspectos linguísticos e extralinguísticos.

Organizado em grupo, os temas são sorteados para cada grupo; fragmenta-se um conteúdo específico em vários sub-temas para que se possa ter uma noção do todo; o trabalho é organizado com começo, meio e fim. Cada grupo tem uma data para apresentar; o grupo tem um tempo de apresentação; é preciso ir usando roupa adequada/gala no dia do seminário

---

<sup>1</sup>De acordo com: Vasconcellos (2010), Todo mundo passou pela escola, onde aprendeu a ser professor (instrucionista). Esta é uma das especificidades do magistério: vivemos muitos anos no campo que vamos nos formar profissionalmente antes de iniciarmos a formação profissional propriamente dita, e acabamos esquecendo que aquela vivência já era formativa, e muito, já que fica fortemente entranhada no sujeito (*Imprinting Escolar*).

acadêmico. O professor avalia a segurança e criatividade do aluno frente ao tema; cada membro do grupo apresenta uma parte do trabalho e alguns alunos “escorões” não participam da fase de preparação do seminário e, por isso, ficam sempre na retaguarda; outros têm a sua nota (conceito avaliativo) comprometida devido à timidez. Pesquisa sobre a concepção de seminário com professores universitários realizada por Carvalho, Saraiva e Silva (2016, p.5) revela que:

As equipes são formadas, os temas são distribuídos por sorteio, a orientação presencial ou não acontece, a ordem de apresentação já fora acordada com tempo esquematizado. A maneira de apresentar varia. Uma equipe com 5 ou 6 estudantes, sugere-se que no mínimo 3 defendam. Por fim, a arguição e os comentários individuais. (PROFESSOR 1)

O professor acadêmico está, sobretudo, interessado em avaliar o conteúdo transmitido no seminário (concepção logocêntrica), e não com a qualidade da voz, expressões faciais, linguagem corporal, enfim, com a elocução, haja vista que o seminário acadêmico é mobilizado nos mais diferentes cursos universitários: Engenharias, Medicina, Advocacia, Licenciaturas, Enfermagem, Arquiteturas etc. Logo, ao professor acadêmico, o seminário é uma Estratégia de Socialização<sup>2</sup> de um conteúdo específico, um Método, uma Técnica. Dessa forma, cada professor tem os seus critérios de avaliação, entretanto, o conteúdo socializado recebe predileção. Este foca a exposição do conteúdo a ensinar e preterir os elementos prosódicos, gestuais, cinésicos (elementos extralinguísticos). No dizer de CAMPOS (2006, p.8 apud CARVALHO, SARAIVA e SILVA, 2016, p.2) “forma de trabalho em grupo muito utilizada no ensino médio, pós-médio, graduação e pós-graduação, como técnica de ensino socializante.”

Destaca-se o fato de o docente acadêmico privilegiar a avaliação do conteúdo socializado, a qual está arraigada em seu ethos de professor universitário, pelo fato deste representar sócio e subjetivamente o universitário como sujeito-histórico que, desde a mais tenra idade, envolveu-se em atividades de comunicação oral. Portanto este sujeito que, adentra a faculdade, é tido como um bom comunicador oral, bastando a ele, somente, pesquisar sobre o conteúdo para que tenha segurança ao socializá-lo em público. Entretanto, o seminário é um gênero textual complexo (multimodal), não basta, somente, o domínio do conteúdo para garantir a comunicação oral. Não são raras as situações onde o aluno, ao vir comunicar um conteúdo diante da turma, começa a gaguejar e tremer; gesticular nervosamente; há casos de silêncio total. Isso acontece por que eles não pesquisaram o conteúdo? Ou por que faltaram-lhes atividades organizadas sistematicamente para aprenderem a comunicar um conteúdo em público, tanto na Educação Básica como na Educação Superior?

Mesmo ocorrendo esses incidentes supracitados, o professor (Acadêmico e de Educação Básica), ao final da socialização oral, põe-se a dar um feedback e dizer em quais áreas o aluno precisa avançar, fora o feedback o aluno carece de ensino de capacidades de linguagem.

---

<sup>2</sup>Segundo Veiga (1996 apud FERRAZ, 2005,p.19) Na área de Educação, o seminário é abordado como uma técnica de ensino socializado (Veiga,1996) que passou a marcar presença em sala de aula na década de 30 com o advento da Escola Nova. Até então, predominava nas escolas brasileiras o Ensino Tradicional, que reservava ao professor o papel de detentor e transmissor do conhecimento, e assim, imprimia às práticas escolares um caráter monológico, autoritário e inibidor da participação ativa do aluno.

Resposta a segunda pergunta, é evidente que o aluno de graduação apresenta um perfil diferente do aluno de Educação Básica. O professor acadêmico, ao solicitar um seminário para o universitário, tem uma representação social e subjetiva deste como: instruído, maduro e experiente na realização de seminários, pois, o docente projeta a imagem de que o aluno já apresentou outros seminários, antes, na fase de Educação Básica. Assim, não realiza atividades didáticas com o objetivo de desenvolver capacidades de linguagem para a comunicação em um seminário. Portanto, se na Educação Básica ocorre um Imprinting das práticas de referência (Educação Superior), evidencia-se que o aluno não aprende capacidades de linguagem para a produção oral de seminário nem na Educação Básica nem na Educação Superior, devido ao ensino espontaneísta e conteudista ao qual abona a elocução (qualidade da voz, contato visual, gestualidade, prosódia elementos cinésicos etc), a qual é condição sine qua non à produção do gênero oral, sendo este acadêmico ou escolar, sendo ele atividade de letramento ou atividade de oralidade, sendo ele técnica de ensino ou metodologia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa é parte de uma dissertação de mestrado para o programa Docência para a Educação Básica da Faculdade de Ciências da UNESP de Bauru/SP. Tem como objetivo diferenciar o gênero textual seminário escolar do gênero textual seminário acadêmico para que o professor de Educação Básica reflita que os alunos de Educação Básica não têm condições de produzir seminários da maneira idêntica a qual eles são produzidos nas esferas acadêmicas, devendo este, elaborar um modelo didático de ensino do gênero, antes de ensiná-lo, a fim de que tenha consciência de quais são os elementos ensináveis do gênero textual oral para um aluno iniciante, o qual não vivenciou situações de comunicação oral formal. Portanto, carece de atividades planejadas para desenvolver o controle emocional, da impostação da voz, dos elementos gestuais e a seleção, hierarquização, organização dos conteúdos.

## REFERÊNCIAS

BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Seminário, mais que uma técnica de ensino**: um gênero textual.2003, Trabalho apresentado em congresso (mimeo)

CARVALHO, Erica; SARAIVA, Polyanna; SILVA, João. **Seminário como estratégia na prática docente do ensino superior**. in: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (III CONEDU).1, 2016 Anais (CONEDU). [ S.1 ]. 2016.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B.; DE PIETRO, J-F. **A exposição oral**. In: ROJO, R.; CORDEIRO, G.S. (org. e trad) Gêneros orais e escritos na escola. 3.ed. São Paulo: Mercado de Letras,2011,p.183-211.

FERRAZ, Ana. **Seminário**: um evento de letramento escolar.2005.164f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2005.

GOULART, Cláudia. **As práticas orais na escola: o seminário como objeto de ensino.** 2005.228f. Dissertação (mestrado em linguagem) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2005.

GONÇALVES, Adair Vieira. **O gênero “seminário” como objeto de ensino aprendizagem: modelo didático.**In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS – O ENSINO EM FOCO – 2009, Caxiais do Sul [ S.1 ], 2009.

GOMES-SANTOS, Sandoval. **Apresentação.** In . A exposição oral. 1.ed. São Paulo: Cortez, 2012 p.9-15.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Atlas. 2002.

VASCONCELLOS, C.S. **Formação didática do educador contemporâneo: desafios e perspectivas.** In: UNESP. Prograd. Caderno de Formação: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica,2011 p.33-58, v 9.